

# **MEGALITISMO DE ENTRE-DOURO-E-MINHO E DE TRÁS-OS-MONTES (NORTE DE PORTUGAL): CONHECIMENTOS ACTUAIS E LINHAS DE PESQUISA A DESENVOLVER**

por Vítor Oliveira Jorge \*

## **1. INTRODUÇÃO**

O âmbito deste trabalho é muito amplo. Amplo geograficamente, porque está em causa a região que se estende desde a fronteira galega até ao rio Douro; amplo cronologicamente, porque se convencionou chamar «megalíticos» a monumentos que podem ter sido construídos, nesta região, entre a 2.<sup>a</sup> metade do IV.<sup>o</sup> milénio e a 1.<sup>a</sup> metade do II.<sup>o</sup> milénio a.C, isto é, durante cerca de 1.500 anos.

Às dificuldades naturalmente resultantes da abordagem sucinta de um assunto tão vasto somam-se as que derivam do estado pouco desenvolvido da investigação. Há extensas áreas do Norte de Portugal que ainda não foram prospectadas; mesmo na maior parte daquelas em que se sabe existirem monumentos não foi feito um levantamento exaustivo; finalmente, as mamoas escavadas nos últimos anos, isto é, a partir de 1978 — e que foram as primeiras a serem analisadas detalhadamente — são ainda em número diminuto. Se exceptuarmos uma em Trás-os-Montes (concelho de Sabrosa) e outra no Alto Minho (concelho de Viana do Castelo), ficaremos reduzidos ao conjunto da Serra da Aboboreira (e ao núcleo vizinho de Castelo de Matos), na província do Douro

---

\* Instituto de Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Litoral, distrito do Porto, onde já foram escavadas 23 mamoas, na sua maioria publicadas.

Estamos, pois, a raciocionar com base numa amostragem extremamente fragmentária. A maior parte, se não a totalidade, das mamoas construídas durante a Pré-história foram violadas e as suas estruturas sepulcrais mais ou menos degradadas; muitas foram destruídas pelos trabalhos agrícolas e para o aproveitamento de lajes; uma parte, por vezes significativa, das restantes, foi escavada no século passado e nas primeiras décadas deste, daí resultando, na melhor das hipóteses, relatórios muito parcelares e insuficientes do ponto de vista actual. O arranque da pesquisa verdadeiramente científica, verificado em 1978, não poderia, pois, ultrapassar rapidamente estes factores negativos, os quais, decerto, condicionarão para sempre os nossos conhecimentos. Estes, até agora, cristalizaram-se em dois trabalhos principais: a tese de Georg Leisner, de 1938<sup>1</sup>, e a nossa própria, de 1982<sup>2</sup>, a primeira baseada em «escavações» de outrém, a segunda partindo já de trabalhos de campo metódicos e, evidentemente, da problemática actual do megalitismo europeu<sup>3</sup>. Mas quase tudo está por fazer, pelo que consideramos aquele nosso trabalho como uma simples plataforma de onde pode arrancar um grande esforço de pesquisa, que efectivamente se começa a verificar, impulsionado pelas Universidades e pelos Serviços Regionais de Arqueologia do I.F.P.C. (Min. da Cultura).

Em que aspectos deverá desenvolver-se tal esforço? Primeiro que tudo, na *prospecção*, *inventariação* e *cartografia* de monumentos. Neste momento, encontra-se em curso o levantamento de diversas cartas arqueológicas do Norte de Portugal. Esse levan-

---

<sup>1</sup> *Verbreitung und Typologie der Galizisch und nordportugiesischen Megalithgräber*, Marburg, 1938 (reprint Lisboa, 1977).

<sup>2</sup> *Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto — os monumentos e a sua problemática no contexto europeu*, Porto, Faculdade de Letras, 1982 (2 vols, policopiado). O 1.º vol. encontra-se depositado nas principais bibliotecas da especialidade.

<sup>3</sup> Posteriormente àquele trabalho, elaborámos outras sínteses de actualização, das quais destacamos: *Megalitismo do Norte de Portugal: um novo balanço*, *Portugalia*, n.s., vol. IV-V (Actas do Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste Peninsular), 1983-84, pp. 37-45; *Les monuments mégalithiques du Nord du Portugal*, a publicar no vol. resultante do Ciclo de Conferências Ligadas à Problemática da Investigação do Megalitismo por ocasião do centésimo aniversário de Vera Leisner (Lisboa, Fev. 1985) (no prelo).

tamento irá conduzir a um melhor conhecimento dos monumentos ainda existentes, quer em número, quer na sua distribuição espacial (maior ou menor nuclearização, relação com a topografia, com variados substractos geológicos, com outros tipos de estações, etc). Este trabalho deverá ser completado com uma pesquisa toponímica e documental. Só assim poderão conseguir-se inferências mais seguras sobre as regiões e tipos de solos preferentemente ocupados pelos construtores de «megálitos», sobre o significado da posição relativa dos monumentos no espaço (conjuntos/monumentos isolados; mamoaas em posição topográfica «dominante» relativamente a núcleos ou conjuntos situados em chãs mais baixas, eventual relação entre túmulos e outras estações, como menires, habitats, etc).

Uma outra vertente do nosso trabalho será a da *escavação*, base de qualquer progresso autêntico dos nossos conhecimentos, nomeadamente no que toca à *tipologia* arquitectónica e à *cronologia* dos *tumuli*. De facto, só a escavação poderá esclarecer, na maior parte dos casos, a verdadeira tipologia das estruturas que as mamoaas do Norte de Portugal encerram; só ela contribuirá pára a obtenção de dados cronológicos seguros, através da datação pelo C14 de amostras de carvão (provenientes quer do topo de solos enterrados sob os monumentos, quer de fases de utilização das câmaras, quando estas se encontrem minimamente preservadas). Sempre que os túmulos se apresentem nuclearizados, impõe-se o estudo sistemático de conjuntos inteiros, por forma a relacionar-se os monumentos entre si, tanto do ponto de vista tipológico, como cultural e cronológico. A unidade de informação deve ser a necrópole e o seu espaço envolvente; assim, as escavações dos próprios monumentos em si não esgotam as informações potencialmente existentes, uma vez que as áreas em torno podem conter elementos sobre habitats ou estruturas invisíveis à superfície.

Uma grande atenção deve ser dada à reconstituição dos *paleo-ambientes*. Um quadro da evolução paleo-ambiental é indispensável para o estabelecimento de uma cronologia e para a compreensão de como os construtores de «megálitos» foram utilizando o meio ao longo do tempo. Estudos pedológicos dos sedimentos utilizados nas mamoaas, dos solos antigos subjacentes, e das zonas envolventes, são fundamentais; o mesmo se pode dizer das investigações palinológicas. Também seria importante a colaboração de geomorfologistas\* no sentido de se apurar quais as transformações

sofridas pela paisagem ao nível da erosão e da sedimentação, por forma a compreender melhor qual o meio-ambiente em que os «megálitos» foram construídos e utilizados, e que factores naturais afectaram o seu aspecto desde então. Quando pudermos reconstituir o meio-ambiente, do Neolítico à Idade do Bronze, teremos dado um passo capital na construção da Pré-história desta região, incluindo conclusões fundamentais sobre a economia e a organização simbólica do espaço de que os monumentos «megalíticos» são testemunho.

A multiplicação das escavações rigorosamente orientadas, conjugada com o estudo do meio em que os monumentos se inserem (actual e, sobretudo, passado), é indispensável para uma melhor determinação do *contexto cultural* dos sepulcros. Temos de dispor de um maior número de espólios *in situ*, quer provenientes de níveis preservados das câmaras, quer dos próprios *tumuli* ou dos restos de solos antigos que eles cobriram. A questão é evidentemente a de se saber, por um lado, em que fases foram os monumentos construídos ou utilizados, e quais as relações, próximas ou a distância, que os seus espólios testemunham, bem como, por outro lado, se estes correspondiam a uma imagem «completa» ou «seleccionada» da «cultura material» dos respectivos construtores. Em suma, que comunidades utilizaram as mamoas como monumentos funerários e rituais, onde e como viviam, e que parcela da sua existência cultural se encontra expressa nesses monumentos.

As questões que acabamos de formular não são obviamente específicas do Norte de Portugal; põem-se para qualquer «região megalítica». Enquanto, porém, não se produzirem investigações sistemáticas neste domínio, atempadamente publicadas, continuaremos a raciocinar sobre dados esparsos, tentando criar modelos explicativos a partir de uma informação dispersa, truncada, com a correlativa tendência para explicações excessivamente generalizadoras, estabelecimento de paralelos pontuais entre dados situados a grande distância, etc. Assim, o isolamento do «megalitismo» como um problema em si poderá ser em grande medida enganador, uma vez que esta questão tem de se equacionar num contexto mais vasto das culturas e épocas em que se integrou, para já não falarmos da própria variabilidade morfológica dos monumentos que convencionámos designar «megalíticos». É pre-

ciso não sermos atraídos pela própria tendência uniformizadora da terminologia que empregamos.

Só no quadro de projectos de pesquisa voltados para o estudo da evolução do povoamento de regiões bem definidas poderemos vir a entender o comportamento e as opções culturais dos construtores das mamoaas, que, no Norte de Portugal pelo menos, nos deixaram os mais variados tipos de estruturas, escalonáveis do Neolítico à Idade do Bronze.

## 2. DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

A principal concentração de monumentos verifica-se nos planaltos centrais do Norte de Portugal e nos seus prolongamentos para oeste (Trás-os-Montes ocidental e Entre-Douro-e-Minho), até à planície litoral. Existem mamoaas a cotas que vão desde alguns metros apenas acima do nível do mar até c. de 1.300 m. nas superfícies aplanadas do Geres, por ex.; mas não há dúvida de que é acima dos 700 metros que nos surge a maior parte das mamoaas.

Estas podem aparecer isoladas, ou mais ou menos agrupadas. A regra é, todavia, a dos grandes *conjuntos*, ou necrópoles, subdivisíveis em *núcleos* de monumentos muito próximos. Implantadas geralmente em zonas planas, não raro correspondentes a linhas divisórias de águas, evitando as encostas ou a proximidade de afloramentos, tudo parece indicar que as mamoaas foram concebidas para serem vistas, com o seu perfil destacado contra a linha do horizonte. Mas toda uma gama de casos se pode encontrar, mostrando que a maior ou menor dimensão dos *tumuli*, e a sua relativa imposição volumétrica no terreno, estão em relação com uma simbologia complexa, que pode ter variado não só com o tempo, mas com a posição social dos grupos ou indivíduos inumados em cada sepultura, ou até com outras considerações que nos escapam. Trata-se de uma verdadeira «linguagem» simbólica, articulando monumentos e topografia da área envolvente, cuja «sintaxe» é por ora de difícil descodificação. Demos alguns exemplos. Temos casos em que uma mamoa isolada se acha implantada no alto de uma elevação dominante, parecendo sobrepor-se «hierarquicamente» aos monumentos de cotas mais baixas dos arredores: tal acontece em Castro Laboreiro, em Alijo, etc. Mas o exemplo talvez mais característico é o da Mamoa

do Alto da Gatorina, sobranceira à famosa necrópole de Chã das Arcas, em Carrazedo do Alvão (V.<sup>a</sup> P.<sup>a</sup> de Aguiar). Um caso diferente é o de núcleos em que alguns monumentos se acham mais destacados, em zonas visíveis e centrais da chã, enquanto outros se encontram mais «disfarçados» na paisagem, não só devido à sua menor altura, como ao facto de ocuparem as margens do *plateau* (Outeiro de Gregos, na Aboboreira, por ex.). Finalmente, encontramos também monumentos que tudo indica terem sido concebidos de forma mais ou menos isolada, isto é, colocados em pequenas superfícies aplanadas onde não «caberia» mais nenhuma mamoa. Esse isolamento parece ser, em certos casos, total (por ex., Anta de Santa Marta, Penafiel, um dólmen de corredor e câmara indiferenciados), enquanto que, noutros, os monumentos pertencem a grandes conjuntos, como acontece na Aboboreira, por ex., com as mamoas da Mina do Simão e de Meninas do Crasto 4, a primeira correspondente a um dólmen simples, a segunda a um *cairn* envolvido por um anel megalítico.

Quanto à relação entre os monumentos e o substrato geológico, devemos dizer que embora na sua maioria eles ocorram em manchas graníticas (matéria-prima que era aliás a melhor adequada à construção), conhecemos cada vez maior número de mamoas instaladas em xistos. Basta, para comprovar esse facto, consultar as folhas publicadas da «Carta Geológica de Portugal» na esc. de 1/50.000: há monumentos no complexo xisto-grauváquico antedordovícico, como os há em rochas silúricas metamorfizadas. E nem nos depósitos antigos de praias e terraços, quer considerados pliocénicos, quer pleistocénicos, eles estão ausentes. Por vezes, um mesmo conjunto megalítico estende-se indiferenciadamente pelos granitos e pelos xistos: tal se observa, por ex., na folha 6-A — Montalegre, daquela Carta.

### 3. TIPOLOGIA ARQUITECTÓNICA

Sendo os monumentos um todo composto por estruturas interiores e *tumulus*, absurdo se torna apresentar uma tipologia apenas baseada no «esqueleto» interno, como aparecia em tantos trabalhos tradicionais sobre megalitismo. Como é óbvio, tal «esqueleto» só se tornou visível no estado de ruína, uma vez que inicialmente estava coberto pela mamoa. Infelizmente, porém, são

poucos os dados seguros de que dispomos para podermos articular os dois elementos numa classificação. Se os autores antigos desprezavam o *tumulus*, do dólmen ou nos deixavam apenas uma descrição genérica, ou uma planta pouco precisa, absolutamente insatisfatória para podermos perceber o monumento em muitos detalhes significativos, que hoje nos interessam.

Estamos actualmente tão conscientes do polimorfismo dos monumentos designados «megalíticos», quer no que respeita às estruturas internas, quer às externas, que apenas podemos indicar um denominador comum: o serem providos de um *tumulus*, ou mamoa. Quanto ao resto, tudo pode variar. Para se comprovar que não exageramos, vamos dar apenas dois exemplos, retirados da nossa própria experiência no conjunto da Aboboreira (distrito do Porto).

Em Outeiro de Gregos, uma chã dominada pela elevação deste nome, existem cinco monumentos principais e dois secundários. Dois desses monumentos mais importantes são os que se destacam na chã: n.<sup>os</sup> 2 e 3. Trata-se de duas mamoas em terra, revestidas por uma couraça constituída por um imbricado compacto de pedras, que, na periferia, se arqueia até à rocha de base, por forma a encerrar o *tumulus* num invólucro lítico protector. Contêm, cada uma, um dólmen, com toda a probabilidade fechado, de câmara poligonal, com um espaço interno diminuto. A mamoa 2 apresenta, na sua periferia, o que parece serem os restos de um pequeno *tumulus*, que pode ter contido uma cista, rodeada de um anel de blocos. Não longe da mamoa 3 (c. de 60 m.S.), ao abrir-se uma vala para recolher amostras de solo, foi encontrada uma fossa de planta ovóide aberta na rocha de base, a qual apenas continha carvões. Aproximadamente a 50 m. para NNW da mamoa 2 fica a mamoa 1, já do lado oposto do estradão que atravessa a chã. É um monumento *sui generis*, pois que é composto de um *cairn* sub-circular, contido por um anel de blocos, e de um pavimento pétreo que o rodeia, prolongando-se para leste em forma de trapézio. O *cairn* apresenta, no seu interior, uma câmara poligonal muito baixa, que se não pode confundir com um dólmen; quanto ao prolongamento trapezoidal, simbolicamente dividido da massa do *cairn* por duas lajes fincadas verticalmente no solo, contém os vestígios de uma estrutura sub-rectangular, que interpretamos como um muito provável espaço consagrado ao culto funerário. Mas o conjunto de Outeiro de Gregos inclui ainda duas mamoas,

qual delas a mais diferente das já apresentadas: a n.º 5, que é um *cairn* também, mas sem qualquer estrutura interna; e a n.º 4, situada no extremo oposto da chã, contendo os restos de uma pequena câmara poligonal megalítica, envolvida por uma mamoa muito baixa, com revestimento em couraça pétreo. A máxima distância que separa estes monumentos tão diversificados é de pouco mais de 300 m.

Chã de Santinhos é um outro núcleo da Aboboreira, situado na sua extremidade ocidental, e desta vez composto apenas por duas mamoas, distantes 26 m. uma da outra. O monumento n.º 1 nada tem de especial: trata-se de um dólmen simples coberto por uma mamoa em terra, revestida por couraça lítica, tal como as mamoas 2 e 3 de Outeiro de Gregos atrás descritas. A mamoa n.º 2, pelo contrário, continha, na sua parte central, uma acumulação de pedras, sobrepostas a um nível de areão granítico, o qual selava, por assim dizer, uma profunda fossa aberta no saibro em forma de «poço». Estamos talvez perante uma fossa funerária, mas a ausência de espólio ou de qualquer outro elemento arqueológico esclarecedor (à excepção de moínhos manuais que parece terem sido utilizados como «material de construção»), impõe-nos a maior prudência na interpretação deste monumento. Apenas podemos adiantar, com base nas datas de C14 obtidas para ambas as mamoas (uma lareira no monumento 1, duas no n.º 2, todas situadas sobre o nível inferior dos *tumuli*, e presumivelmente contemporâneas das construções, ou imediatamente anteriores) que se trata de estruturas provavelmente coevas, localizadas em torno de 3.000 a.C. (data não calibrada).

Os dois exemplos apontados mostram-nos quão desajustadas são as tradicionais classificações a que acima nos referimos, bem como as tentativas de escalonar no tempo os vários «tipos» arquitectónicos assim conseguidos, criando periodizações ilusórias, baseadas na suposta evolução linear das arquitecturas e na correspondência directa de conjuntos de materiais a cada «fase». Tudo isso é demasiado simples para ser verdade, e só por ingenuidade ou falta de rigor se pode continuar a aceitar tais esquemas.

Com todas estas ressalvas feitas, não poderemos, apesar de tudo, deixar de apresentar, num quadro sintético, os grandes tipos de monumentos megalíticos do Norte de Portugal, tais como o estado dos nossos conhecimentos no-los permite formular:

## 1. TUMULI

1.1 Em terra, com revestimento de pedras imbricadas, abrangendo toda a superfície (couraça) ou somente a periferia (coroa circular).

Tudo indica que são os mais abundantes. Quanto às suas estruturas internas, podem ser:

1.1.1 Fossa: o único caso conhecido já foi atrás referido (Chã de Santinhos 2).

1.1.2. Cistas: trata-se de estruturas facilmente destruíveis, pelo que possuímos sobre elas mais referências do que propriamente trabalhos utilizáveis. De qualquer forma, recentemente foram dadas a conhecer as cistas de Chã de Arefe, Durrães (Barcelos, dist. de Braga)<sup>4</sup>. São cistas subterrâneas, mas incluídas num recinto definido por grandes blocos graníticos, e interiormente revestido por um manto de pedras que parece situar-se na tradição das couraças pétreas de revestimento de mamoas. Estas cistas, pelo seu espólio, são atribuíveis ao Bronze Antigo.

1.1.3 Cistas megalíticas: como exemplos, podemos citar a «antela» da Portelagem (Vila Chã, Esposende), escavada por M. Sarmiento, e a cista de S. Bento das Pêras (Serra da Penha, Vizela), ambas incluídas numa mamoas. As duas têm câmara rectangular, a primeira com c. de 3 m. de comprimento por c. de 1,30 m. de largura; a segunda, com aproximadamente 2 m. por 1,30 m.<sup>5</sup>.

1.1A Dólmens simples: podem ser abertos ou fechados. Uns e outros apresentam dimensões e plantas muito variadas: ora formam um polígono regular, ora se alongam, aumentando o espaço funerário e criando câmaras sub-elípticas. Na Aboboreira temos dois bons exemplos

---

<sup>4</sup> Cf. Armando Coelho Ferreira da Silva *et alii*, A necrópole do Bronze Inicial da Chã de Arefe (Durrães, Barcelos) — primeira notícia, *Arquivo do Alto Minho*, vol. XXVI, 1981.

<sup>5</sup> Cf. Maria de Fátima Coelho F.S. e Sousa, O Monte de S. Bento das Pêras — Vizela (primeiros dados arqueológicos), *Arqueologia*, 13, Junho 1986 (no prelo).

deste alongamento: Outeiro de Ante 1, com c. de 3 m. de comprimento, e Mina do Simão, de aspecto «naviforme», e com c. de 2,5 m. de extensão.

O dólmen simples é o tipo mais frequente no Norte de Portugal, onde geralmente surge agrupado em necrópoles.

- 1.1.5 Dólmens com vestíbulo: quando a entrada do dólmen se encontra simbolicamente marcada por duas lajes (uma de cada lado), alongadas, mas de pequena altura, preferimos falar de um «vestíbulo», pois não estamos propriamente perante um corredor<sup>6</sup>. Se atendermos às plantas publicadas, e à observação ainda possível *in loco*, temos pelo menos dois exemplos que parecem evidentes: Fonte Coberta (Ghã de Alijo, Alijo) e Zedes (Carrazeda de Ansiães), ambos em Trás-os-Montes.
- 1.1.6 Dólmens de corredor: podemos distinguir dois tipos gerais. O primeiro corresponde aos dólmens de corredor e câmara bem diferenciados, havendo dele exemplos bem conhecidos, como o da «Pala da Moura», Vilarinho da Castanheira (Carrazeda de Ansiães), Chã das Arcas 4, Soutelo de Aguiar (V.<sup>a</sup> P.<sup>a</sup> de Aguiar), Chã de Parada (Aboboreira, Baião) ou Lamoso (Paços de Ferreira). Nos dois primeiros o corredor está reduzido a duas lajes maiores, completadas por dois blocos mais pequenos, marcando a entrada. Nos últimos, o corredor é já de maiores dimensões, embora não chegue a atingir os 4 m. de comprimento. No entanto, não sabemos se originalmente seria mais extenso. Mas é possível que não atingisse a categoria de corredor longo, isto é, com mais de 7 m., se quisermos aceitar o critério de L'Helgouach para a Bretanha<sup>7</sup>.  
O segundo grupo é o dos dólmens que apresentam indiferenciação entre câmara e corredor, pelo menos em planta (o alçado é em regra mais difícil de recons-

---

<sup>6</sup> V. a este respeito, por ex., a opinião de J. Clottes, *Inventaire des Mégalithes de la Trance. 5-Lot*, Paris, C.N.R.S., 1977, pp. 329-330.

<sup>7</sup> Cf. *Les Sepultures Mégalithiques en Armôrique*, Rennes, Faculte des Sciences, 1965, p. 71.

tituir, devido à maior ou menor degradação do corredor, mais vulnerável do que a câmara). Temos dois bons exemplos, o do dólmen da Barrosa, em Âncora (Caminha), e o de Santa Marta (Penafiel). São grandes monumentos, que deveriam estar insertos em *tumuli* de consideráveis dimensões (a parte conservada no de Santa Marta tem cerca de 27 m. de diâmetro). No entanto, os corredores são ainda (pelo menos na parte conservada) de tamanho médio: um pouco mais de 5 m. na Barrosa, c. de 6 m. em Santa Marta.

- 1.2 Tumuli em forma de *cairn*, ou seja, apenas construídos com pedras. Os três casos conhecidos pertencem ao conjunto da Aboboreira: são os monumentos 1 e 5 de Outeiro de Gregos, já atrás referidos, e o de Meninas do Crasto 4. Este último tem c. de 15 m. de diâmetro, e é rodeado por um anel megalítico de contenção. Muito violado, não revelou qualquer estrutura funerária interna ainda preservada; no entanto, a ajuizar pelos negativos para o assentamento de lajes existentes na rocha de base, essa câmara (ou câmaras) deve(m) ter existido. Todavia, nunca se poderia tratar de um dólmen, dada a pequena altura do *cairn*, que assentava sobre um nível de solo certamente pré-existente (menos de 1 m. de espessura até à rocha de base). Eis por que nos inclinamos para a hipótese deste monumento ter contido uma ou mais cistas.

## 2. MENIRES

Conhecemos actualmente três menires no Norte de Portugal: o de Luzim, em Penafiel, o de S. Paio de Antas, em Esposende, e o da Bouça, em Mirandela, este último recentemente revelado por F. S. Lemos e A. M. Baptista<sup>8</sup>. Curiosamente, cada um deles corresponde a um «tipo» diferente deste género de monumentos. Realmente, o de Luzim é uma laje pouco espessa, de forma irregular (alt.-c.

---

<sup>8</sup> Comunicação à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, sessão de 12.VH.1985.

2,15 m.); o de S. Paio de Antas é um bloco afeiçoado, com secção sub-elíptica (alt.-c. 1,70 m.); quanto ao da Bouça, além de possuir gravuras, tem aspecto fálico, com figuração da glândula e do meato uretral, lembrando por isso, segundo os arqueólogos acima citados, exemplares do Sul de Portugal (alt.-c. 2 m.).

Não foram até agora detectados conjuntos de menires (em forma de alinhamentos ou *cromlechs*) nesta região, correspondendo os monumentos referidos a casos isolados, cada um numa das três províncias em que o N. do país se encontra dividido administrativamente.

A concluir esta alínea, digamos que a impressão geral que resulta do estudo do megalitismo do Norte de Portugal, mau grado o polimorfismo apontado, é a da predominância de monumentos de pequenas dimensões (sendo os mais frequentes os dólmenes simples), agrupados em núcleos e estes em conjuntos, e situados em planaltos, onde são facilmente detectáveis pelo observador (pelo menos nas condições actuais da vegetação).

#### 4. TIPOLOGIA DOS MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS

O espólio dos monumentos já escavados é, em regra, escasso e pouco diversificado. Por outro lado, e como é óbvio, ele terá de se valorizar diferentemente conforme provenha dos solos antigos enterrados sob os *townuli*, das terras transportadas para a construção destes, ou das câmaras; e, neste último caso, terá de se tomar em atenção as diversas fases em que elas poderão ter sido utilizadas, e a ocorrência de violações, que em geral revolveram todo o respectivo enchimento. Acontece que as escavações antigas não se preocupavam com o posicionamento rigoroso dos objectos, o que diminui muito o interesse dos materiais que delas provêm. Assim, não estamos em condições de articular conjuntos coerentes de espólio com certos tipos de arquitecturas, nem de estabelecer uma periodização «cultural» do megalitismo do Norte do país. Apenas podemos dizer que:

— nele estão presentes artefactos ligados à agricultura e ao trabalho da madeira, como machados, enxós (por vezes de

- pequenas dimensões) e goivas (estas relativamente raras). Os machados polidos de forma rectangular ou trapezoidal, e de secção rectangular ou sub-rectangular predominam sobre os restantes objectos indicados. Moinhos manuais (parte fixa e parte móvel), necessários à preparação de alimentos à base de cereais, ocorrem de forma repetida;
- os micrólitos geométricos são também abundantes, predominando os trapézios assimétricos com truncatura maior alongada e os segmentos de círculo. Como é sabido, estes artefactos podem ter servido para compor diferentes tipos de utensílios, entre os quais setas para a caça (ou actividades belicosas) com arco. Temos aliás razões para pensar que na economia mista das comunidades construtoras de megálitos a caça e a recollecção completariam a agricultura e o pastoreio. É possível (mas de modo algum se encontra provado) que num momento já adiantado do «processo megalítico», pelo menos em certas áreas, os micrólitos tenham sido substituídos (parcial ou totalmente) por pontas de seta perfurantes, geralmente de base triangular (por vezes pedunculadas), com ou sem aletas. Estas pontas de seta são por vezes tão grandes que nos interrogamos se terão servido para dardos;
  - encontramos também numerosos outros utensílios líticos, talhados geralmente em sílex ou em quartzo, como raspadores, raspadeiras, furadores, lâminas e lamelas. As lâminas são mais abundantes do que as lamelas, e apresentam muitas vezes uma secção trapezoidal; umas e outras são em geral pouco retocadas. Em 1984 detectámos alguns artefactos talhados numa matéria de cor negra, «vítrea», lembrando o aspecto da obsidiana, na mamoa da Mina do Simão (Aboboreira)<sup>9</sup>;
  - a cerâmica é normalmente de má qualidade, ocorrendo muito fragmentada, e dificultando assim a reconstituição de formas. É predominantemente lisa, pelo que nos ocorre perguntar se, pelo menos em certas fases, não haveria uma

---

<sup>9</sup> Estes artefactos, bem como outros detectados por Huet Bacelar Gonçalves na Mamoa 2 de Outeiro de Ante, também na Aboboreira, estão a ser analisados na Universidade de Reading (Inglaterra). Trata-se de sílica opalina (Abril 88).

exclusão intencional de vasos decorados no conjunto das oferendas funerárias. Há vasos abertos e fechados. Entre os primeiros, notamos formas em calote, de perfil semi-elíptico, tronco-cónicas, ou situadas entre o tronco-cónico e o cilíndrico.

A «família» dos vasos tronco-cónicos está muito espalhada em todo o Norte do país, devendo cronologicamente situar-se num Calcolítico/Bronze Antigo, se não mesmo Médio. Quanto aos vasos fechados, temos formas esféricas, por vezes com um colo levemente estrangulado, semi-esféricas, ovóides, sub-cilíndricas também com um leve estrangulamento no colo, carenadas, etc. Trata-se de um conjunto, apesar de tudo, variado, mas devemos lembrar-nos de que estamos perante monumentos de tipo e de cronologia muito diversificados, podendo ter sido construídos ou utilizados, como dissemos atrás, entre a 2.<sup>a</sup> metade do IV.<sup>o</sup> milénio e a 1.<sup>a</sup> metade do II.<sup>o</sup> milénio a.C (em datas convencionais). Quanto às decorações, quando existem, são geralmente de tipo plástico (mamilos), não estando ausentes as impressões e as incisões (sulcos paralelos verticais, por ex). A cerâmica campaniforme constitui um grupo bem delimitado, que testemunha uma maior expansão deste tipo de «olaria de luxo» no Norte de Portugal do que há anos se pensava. Os monumentos da Barrosa (Caminha), Guilhabreu (Vila do Conde), Outeiro de Ante 2 (Aboboreira, Baião), Cruz de Ferro 1 (Aboboreira, Baião)<sup>10</sup>, Madorras 1 (Sabrosa), Carvalhelhos (Boticas) revelaram fragmentos de cerâmica campaniforme, atribuíveis no seu conjunto aos estilos «marítimo», «pontilhado geométrico», «Ciempozuelos» e «Palmeia»;

— ocorrem ainda, embora em menor número, objectos cujo significado e cronologia podem variar de caso para caso: braçadeiras de arqueiro, atribuíveis ao Calcolítico final e ao Bronze Antigo; contas de colar, em matéria verde (variscite) ou de cor negra (azeviche); pontas em cobre de tipo Palmeia; espirais em prata, que são jóias da Idade do Bronze, provavelmente Antiga (3 exemplares, dois dos

<sup>10</sup> Também designada Mamoa 1 da Chã do Carvalhal ou Mamoa 1 do Alto do Espinho.

quais em dois *cairns* da Aboboreira, Outeiro de Gregos 1 e Meninas do Crasto 4); um objecto em granito, em forma de «paleta», proveniente de um dólmen de Perafita (Alijo), e que deveria ter uma função cultural, bem como um outro, em forma de «cogumelo», de barro muito cozido, encontrado na mamoa 2 de Outeiro de Ante, etc. Cite-se, finalmente, percutores e cristais de quartzo, de atribuição cultural ainda menos precisa.

## 5. CRONOLOGIA E CONSIDERAÇÕES FINAIS

No quadro seguinte apresentamos as datas de radiocarbono que consideramos neste momento mais significativas para a determinação da cronologia do fenómeno «megalítico» na região em apreço<sup>11</sup>. Todos os monumentos em causa se situam na Serra da Aboboreira, actualmente um dos núcleos mais bem datados da Península:

Monumento	N.º da amostra	Proveniência	Data A.P.	Data a.C.	Datas A.C. (calib.)
Meninas do Crasto 2	CSIC-656	Carvões provenientes do topo do nível de base do <i>tumulus</i> (prováveis restos de solo antigo)	5.260 ± 50	3.310 ± 50	4.350–3.870
idem	CSIC-657	idem	idem	idem	idem
idem	CSIC-658	idem	idem	idem	idem
Outeiro de Gregos 3	KN-2766	Carvões provenientes do <i>tumulus</i>	5.230 ± 75	3.280 ± 75	4.330–3.860
idem	KN-2765	idem	5.200 ± 65	3.250 ± 65	4.300–3.795

<sup>11</sup> As datas foram seleccionadas com base no seguinte critério: serem mais do que uma para cada monumento, ou provirem de restos prováveis de um paleossolo.

Chã de Santinhos 2	GIF-6784	Carvões de uma lajeira situada no topo do nível de base do <i>tumulus</i> (restos de solo antigo?)	4.990 ± 50	3.040 ± 50	3.910--3.650
Chã de Santinhos 1	GIF-6783	idem	4.980 ± 50	3.030 ± 50	3.905--3.650
Outeiro de Gregos 2	CSIC-547	Carvões provenientes do nível de base do <i>tumulus</i> (prováveis restos de solo antigo)	4.950 ± 50	3.000 ± 50	3.895--3.640
Chã de Santinhos 2	GIF-6785	Carvões de uma lajeira situada no topo do nível de base do <i>tumulus</i> (restos de solo antigo?)	4.930 ± 50	2.980 ± 50	3.890--3.570
Meninas do Crasto 4	CSIC--661	Carvões provenientes do topo do nível de base do <i>tumulus</i> (prováveis restos de solo antigo)	3.830 ± 50	1.880 ± 50	2.535--2.135
idem	CSIC--660	idem	3.800 ± 50	1.850 ± 50	2.525--2.105

As mamoas de Meninas do Crasto 2, Outeiro de Gregos 3, Chã de Santinhos 1 e Outeiro de Gregos 2 contêm pequenas câmaras dolmênicas poligonais, sem corredor. Quanto ao monumento 2 de Chã de Santinhos, é, como dissemos, uma fossa (possivelmente funerária), coberta por um *tumulus*; por seu turno, Meninas do Crasto 4 corresponde a um *cairn* rodeado de um anel megalítico, de planta circular. As datas de todos estes monumentos escalonam-se entre c. de 3.310 e 1.850 a.C. (em datas calibradas, entre a 2.<sup>a</sup> metade do V.<sup>o</sup> mil. e os finais do III.<sup>o</sup> milénio A.C). Isso significa que a necrópole da Aboboreira foi construída durante cerca de 1 milhar e meio de anos, entre o Neolítico Final e o Bronze Antigo da cronologia geral ibérica. Mas, se tal duração representa uma notável estabilidade das áreas «formais» de deposição dos mortos, ela não impediu aos arquitectos megalíticos que exprimissem, simultaneamente ou ao longo do tempo, diferentes concepções dos monumentos, da sua forma, do seu volume, da sua

relação entre si e com o terreno envolvente. Daí o impressionante polimorfismo conseguido pela combinação variada de elementos muito simples: terra, pequenas pedras, grandes lajes graníticas; também se pode dizer que tais construtores foram autênticos «arquitectos paisagistas», uma vez que eles construíram uma paisagem cultural, marcada pela memória colectiva, pontuada pelos túmulos dos antepassados a quem decerto prestavam culto. Talvez que a forma dos monumentos (geralmente circular ou sub-circular, por vezes tendencialmente elíptica, e num caso sub-trapezoidal) reflectisse a das habitações coevas, de que tão poucos indícios nos ficaram, mas que deviam situar-se nas proximidades (pelo menos durante as primeiras fases do fenómeno que estudamos). Talvez que o modo como determinados monumentos se agrupavam, ou outros se isolavam, de alguma maneira reproduzisse o dispositivo dos pequenos aglomerados habitacionais, ou de unidades mais afastadas deles, de acordo com a época e a estrutura social das comunidades, mais ou menos igualitárias ou hierarquizadas. Não podemos responder a tais questões, mas formulá-las é já um progresso, no sentido de *montarmos um quadro das interpretações possíveis*.

A concluir, permita-se-nos que deixemos aqui um voto: o de que a nível peninsular se multipliquem as escavações científicas em conjuntos megalíticos geograficamente bem definidos, prestando-se atenção detalhada a todos os elementos da arquitectura e a todos os dados que possam contribuir para uma melhor cronologia e reconstituição paleo-ambiental das épocas abrangidas. Que se desenvolvam os levantamentos topográficos detalhados das áreas de necrópoles, e que se façam prospecções exaustivas para a detecção de habitats. Que se deixe definitivamente de considerar este tipo de monumentos como um simples receptáculo (arquitectura interna) de artefactos (espólio) que se comparam com os de outras regiões, no sentido de estabelecer «correntes culturais», afinidades tipológicas, esquemas evolutivos mais ou menos lineares: o nosso campo de observação deve estar aberto à especificidade e complexidade deste fenómeno. E, finalmente, que se publiquem os dados conseguidos, com regularidade, para que todos os investigadores peninsulares possam rapidamente utilizá-los, permitindo que a pesquisa neste campo atinja o nível e a atenção que merece no contexto europeu, onde tantos trabalhos, que continuamente se dão à estampa, parecem voluntariamente ignorar os

novos resultados por nós conseguidos na última década. O megalitismo português e peninsular é obviamente capital para uma nova síntese do megalitismo europeu. Mas uma síntese digna desse nome, que nem seja o somatório dos conhecimentos das várias regiões, nem um conjunto de especulações baseadas em resultados desactualizados: uma síntese que não prejudique o particular em função do geral, e vice-versa<sup>12</sup>.

*Porto, Novembro de 1985*

---

<sup>12</sup> Uma bibliografia actualizada (até Dezembro de 1985) sobre os monumentos megalíticos do Norte de Portugal pode ser encontrada em V. O. Jorge, Les tumulus de Chá de Santinhos (ensemble mégalithique de Serra da Aboboreira, Nord du Portugal), *Arqueologia*, 12, Dez. 1985.

Posteriormente à redacção da" síntese aqui apresentada, foram feitas pesquisas importantes, por diversos autores, nomeadamente Eduardo Jorge L. da Silva, da Univ. Portucalense, Maria de Jesus Sanches, António Huet B. Gonçalves, e o próprio autor, todos da Univ. do Porto, Domingos de Jesus da Cruz, da Univ. de Coimbra, e Margarida Moreira, Ana Bettencourt, Joel A. Cleto e Suzana Faro da Costa, do G.E.A.P. (Porto). Todo este movimento de investigação mostra que estamos a assistir a uma verdadeira renovação do estudo do «megalitismo» do Norte do país, que nos apraz registar (Nov. 1987).

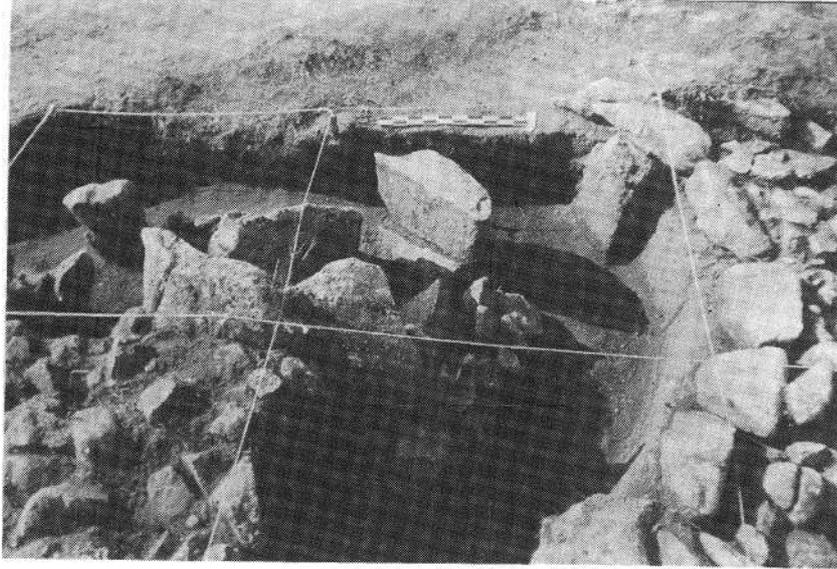


Fig. 1 — Uma pequena câmara megalítica: Meninas do Crasto 2 (Aboboreira, Baião) (escavada em 1982).

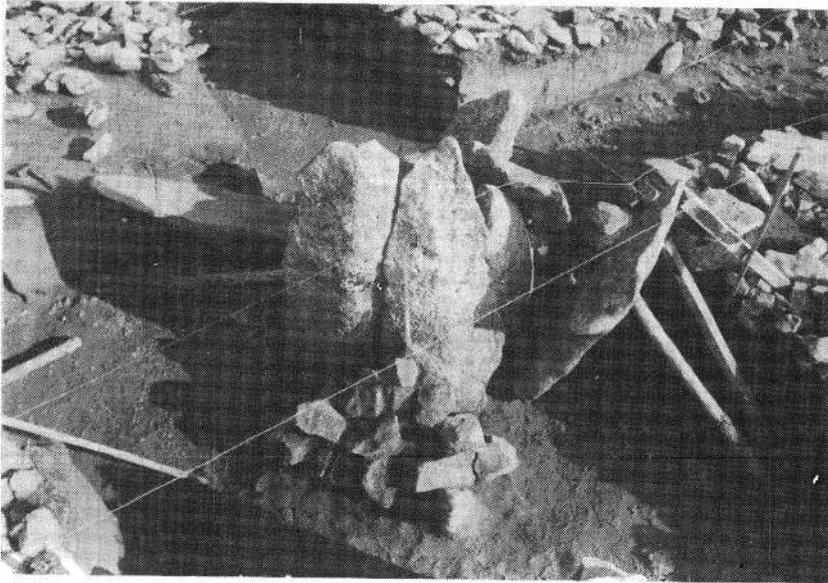


Fig. 2 — O dólmen da mamoa de Outeiro de Gregos 3 (Aboboreira, Baião) durante as escavações (1979).



Fig- 3 — Uma grande câmara dolménica, provida de entrada (à direita), mas sem corredor: Outeiro de Ante 1 (Aboboreira, Baião) (escavada em 1981).

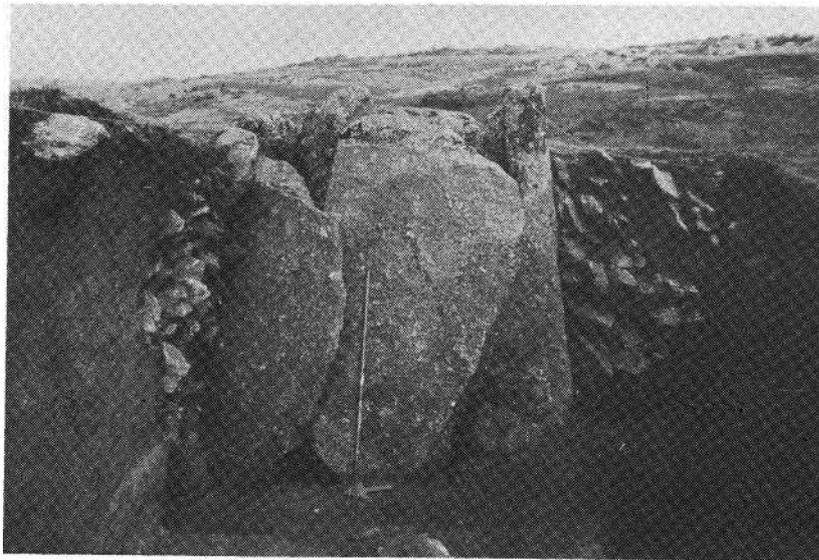


Fig. 4 — Dólmen alongado, fechado, da Mamoa da Mina do Simão (Aboboreira, Amarante), rodeado do respectivo contraforte (1983).

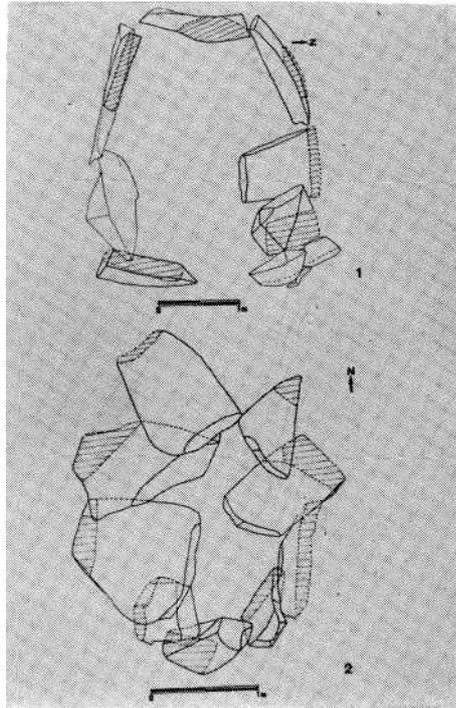


Fig. 5 — Plantas dos dólmens do Outeiro de Ante 1 (1) e da Mina do Simão (2), Aboboreira.

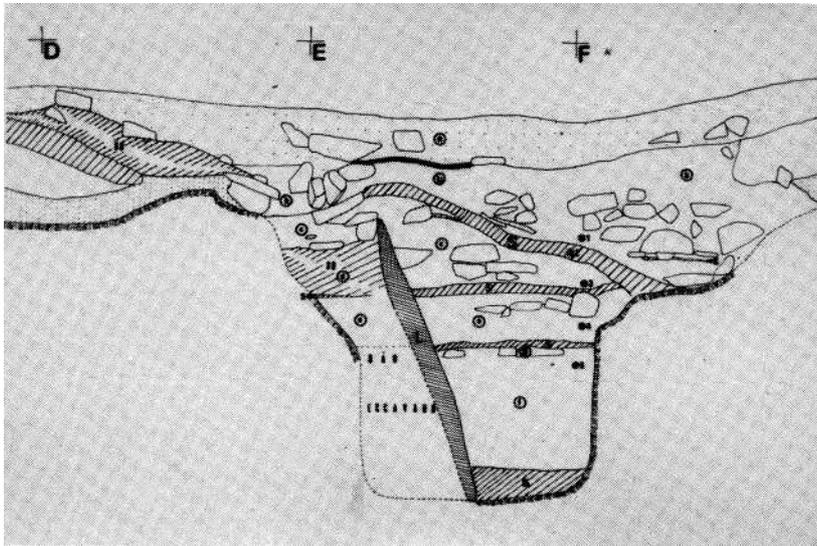


Fig. 6 — Fossa (funerária?) sob tumulus: Mamoá 2 de Chá de Santinhos (Aboboreira, Marco de Canaveses) (escavada em 1984).



Fig. 7 — Dólmen de corredor curto de Vilarinho da Castanheira (Carrazeda de Ansiães).

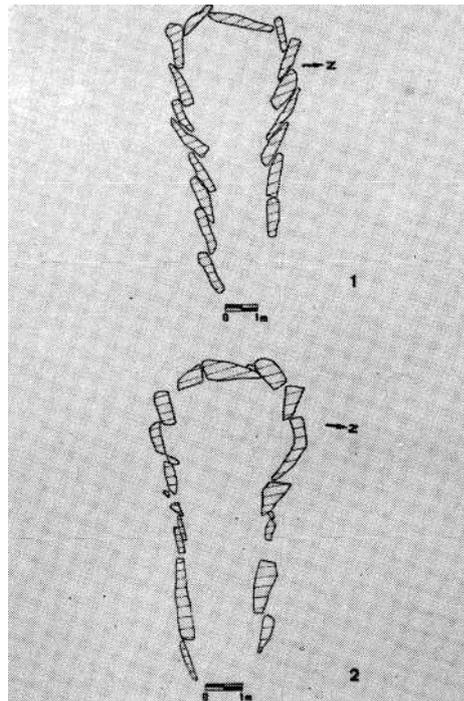
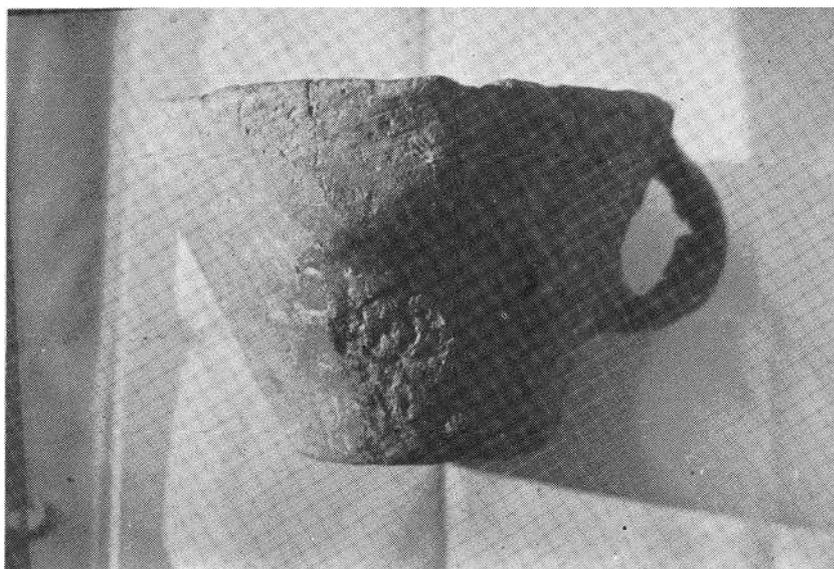


Fig. 8 — Plantas de dólmenes de «tipo evolucionado»: Barrosa, Caminha (1) e Santa Marta, Penafiel (2). A primeira (Barrosa) baseia-se em G. Leisner (1938).



**Fig. 9** — «Cairn» de Outeiro de Gregos 1 (Aboboreira, Baião), durante as escavações de 1980.



**Fig. 10** — Vaso tronco-cónico da Anta da Estante (Carlão, Alijo).

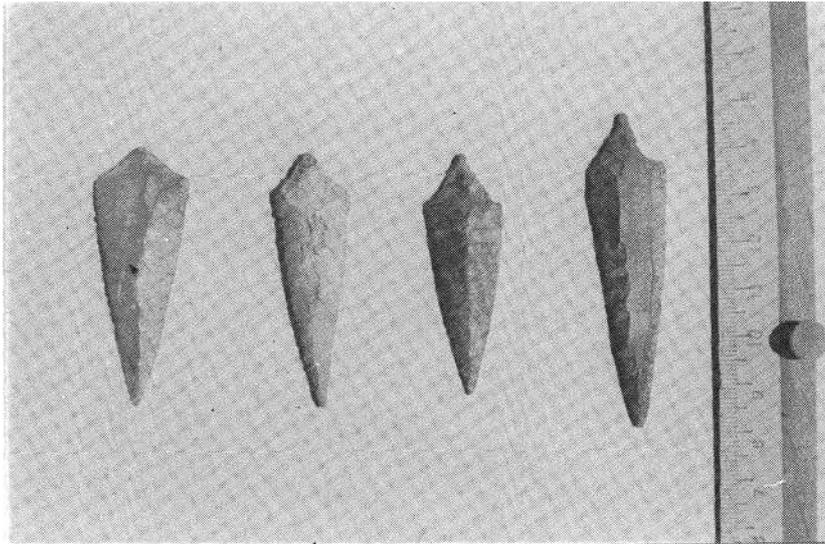


Fig. 11 — Pontas de seta da Mamoa de Guilhabreu (Vila do Conde).



Fig. 12 — «Menir» ou «estátua-menir» da Bouça (Mirandela). (Foto de M. de Jesus Sanches).